

*A felicidade também é feita de tijolos* – Um exercício de memória afetiva sobre o concreto

Deu para pensar em muros e paredes. Não podia entender como as pessoas conseguiam acordar, tomar café e, como se nada fosse, começar o dia sem pensar nele, no tijolo. Naquele pedaço de concreto que amparou a migalha do pão francês e, ao mesmo tempo, num gesto sem dúvida afetivo, abraçou o quadro preferido da família.

Sua relação com as paredes fora sempre muito amigável. Ainda criança, cama encostada numa quina do quarto, sentia-se aconchegada pelo muro branco que demarcava seus sonhos. Acordada, colocava os pés pra cima numa relação íntima com o sólido e ia caminhando de cabeça pra baixo até chegar no ângulo reto da cama em direção ao teto. Dividia confidências com as ranhuras que só ela via, assim como acompanhava descascados microscópicos da tinta, segunda pele de sua melhor amiga imaginária. Então ainda não saberia elaborar essa frase, mas já entendia, em alguma camada de sua construção, que parede não é limite. É abertura de mundo.

Compreendendo além do que podia dizer, ia construindo a verdade com madeiras, carpetes, telhas e árvores de eucalipto. Vivia encerrada no mundo material e isso lhe bastava. Tinha a companhia dos rodapés, das fissuras do piso de madeira e da própria terra, sempre mutante e pronta para uma fazendinha. Ainda não estudava filosofia, mas pressentia que o sentido do ser, em última instância, pode estar na matéria. Anos depois, não à toa, escreveria num livro: "A felicidade também é feita de tijolos". Falava do concreto, terra da linguagem. O que *é* é aquilo sobre o que podemos operar.

Então chegou a idade escolar e o saber e o conhecimento estavam, mais do que nunca, nas paredes rosas, coloniais, petropolitanas. Imperiais. Azulejo e cimento assobiando cumplicidade e transgressão, pequenos jardins de inspiração francesa que teriam agradado Proust, capela, muitas escadas. Janelas sem rede de proteção, horta, cheiro de terra molhada, quadra de vôlei. A gruta das freiras mortas. A fantasia em peso e volume. E nenhum dos professores parecia valorizar o casario, ou menos assim não lhe parecia.

Paralelepípedo. Carrocinha. Quadro negro. Caixa de giz. Uniforme de tergal. Anel e beca vermelha de formatura. Capelo. Pra escrever é preciso se vestir?

Desconfiava das freiras e suas mentiras, mas desenvolveu o que depois entenderia, graças a Merleau-Ponty, ser uma espécie de fé perceptiva. Reexaminava talvez, sem perceber, as noções de sujeito e objeto. "Essa bárbara convicção de ir às próprias coisas", diria o filósofo. As coisas são exteriores ao nosso corpo, concordaria mais tarde. Mas não ao nosso pensamento.

Foi quando leu Proust pela primeira vez que teve arroubos assim de memória, nenhuma delas digna de uma madeleine, no entanto. Estavam mais para bolinhos de chuva e café com leite. Considerou o escritor muito filósofo e o filósofo muito escritor. O que, é claro, era um mudo elogio. Naquele texto estava o pequeno mundo de Marcel, e também o universo. Na descrição de um quarto com cama de dossel estava toda a humanidade em vigília, olhos semiabertos à espera de um beijo de boa-noite – esse, o da humanidade, jamais virá. Não se pensa um pensamento de fora. Feliz é a criança, por isso mesmo, que vive agasalhada em seus pensamentos, alheios ao detalhe da encarnação. Eles, seus pensamentos, já são em si encarnados no mundo, no tijolo e na telha, morada de folhas e aranhas.

Em Proust, os móveis também mergulham no sono e os travesseiros são como nossas faces da infância. As luminárias reconhecem um bife à caçarola<sup>1</sup> e devem sua imobilidade aos nossos pensamentos, imóveis em relação a elas<sup>2</sup>. No seu romance, as lembranças de Combray praticamente se resumem a dois andares ligados por uma escada estreita, onde eram sempre sete horas da noite, hora de ir dormir e, angústia maior, separar-se da mãe. No seu mundo as coisas atuam – "Fora, as coisas, elas também, pareciam fixas numa atenção muda para não perturbar a luz da lua" – e a sombra dos

---

<sup>1</sup> "E logo que chamavam para jantar, sentia pressa de correr para o refeitório onde a grande lâmpada do teto, sem saber de Golo ou de Barba-Azul, e que conhecia meus pais e o bife à caçarola, espalhava sua luz de todas as noites (...)" In Proust, Marcel. *No caminho de Swamm; À sombra das moças em flor*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002. P. 26

<sup>2</sup> "Talvez a imobilidade das coisas ao nosso redor lhes seja imposta pela nossa certeza de que tais coisas são elas mesmas e não outras, pela imobilidade de nosso pensamento em relação a elas." *Ibidem*, p. 23.

objetos, iluminados pela mesma lua, são mais densos e concretos que os próprios.

O concreto é estrutura e fundação de pensamentos traduzidos em frases, tão concretas quanto suas memórias involuntárias. O tempo perdido, afinal, está nos objetos mesmos, na sensação que esses objetos materiais nos dão, o que dá mais ou menos no mesmo.

O passado, assim como a felicidade, também é feito de tijolos e o que permanece velado, aprenderia depois com Heidegger, é o que fundamenta o que é visto. Perguntava-se então se, quando falava da escola, encontrava-se com ela, cara a cara, mão deslizando pela parede fria, ouvidos atentos à porta de grade do elevador. Explorava cantos não autorizados, caminhos e entradas exclusivos de funcionários que não estavam mais lá, e podia quase jurar conhecer cada rejunte das lajotas vermelhas do pátio.

Combray era sua escola, prédio histórico e imponente que falava sozinho – o concreto, quando atravessa a linguagem, se torna linguagem também. Leu de Walter Benjamin que o tempo homogêneo é vazio e que existe, sim, um tempo onde não há morte: a eterna e ilimitada fantasia azul da lembrança, aquela onde Proust gosta de estar, seguindo a esteira aberta por Bergson e mostrando que nenhum segundo é igual ao outro. Na lembrança o tempo é infinito e entrecruzado, porque no passado, acredita Benjamin, estão os devires do presente. Nela a duração do tempo transborda um pouco para o passado e um pouco para o futuro. A maneira como lidamos com ela faz com que o tempo tenha relevos diferentes:

"Na heterogeneidade das vivências temporais de Proust e Benjamin está fundada também a diferença formal de suas obras: o abismo que separa o romance de três mil páginas da coletânea de pequenas peças em prosa. O poeta do *déjà vu* está em busca de cada um dos momentos em que as vivências da infância se iluminam mais uma vez: é assim que ele procura narrar toda uma vida. Benjamin, ao contrário, pode, a partir de sua vida posterior, avistar sua infância e se dedicar à evocação daqueles instantes em que um prenúncio do futuro se esconde."<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> In Szondi, Peter. *Esperança no Passado – Sobre Walter Benjamin*. Artefilosofia, Ouro Preto, n. 6, p. 01-240, abr. 2009.

Lembrou de ter saltado de um muro bem alto só para ver como era, e seu pé direito, calçando sapatinho de boneca, sente o trauma até hoje. Também passou de uma varanda a outra por fora do prédio para buscar sua agenda, gorda coleção de paixões adesivadas e códigos secretos. Devires da transgressão. A essência das coisas está sempre fora do tempo, mas nunca fora do espaço. A eternidade de Proust pode estar no passado, mas trata-se de um passado com endereço.

Com Benjamim, compreendeu que a rememoração da sua escola buscava os traços do porvir, o porvir do pendor filosófico. Investigar o espaço é entender a si mesmo. Como se a escrivaninha de madeira e o casaco de lã verde pudessem proteger o presente, foto esmaecida pelas limitações da vida e agora tratada com alguma expertise. Sublinhou do autor: "Embora o caminho para a origem seja um caminho de volta, ele é um retorno a um futuro que, embora já passado e pervertido na sua ideia, conserva mais promessas do que a imagem atual do futuro." Sua analista adoraria o argumento.

"O passado traz consigo um índice secreto que o impele à redenção", leu ainda do talentoso escritor que também era filósofo e vice-versa. Poderia dizer ainda que a história do si preencheu o lugar vago deixado pela história comum, que o progresso não é norma histórica, que a origem é alvo, disse Karl Kraus, restauração e abertura também, completou Benjamim, e que o passado é propriedade morta que tentamos recuperar através do concreto.

O cimento tem segredos filosóficos muito sérios e propriedade eficientes para tratar o nada. Para lidar com o vazio procuramos o que está preenchido. E como insistimos em viver o que não vemos, suspeitava poder passar a vida toda pensando sobre a nossa relação afetiva com o espaço físico, farejando rastros nas coisas como fazem as crianças, tateando pistas ocultas do futuro nos objetos, buscando distâncias históricas na materialidade. Buscava esconderijos:

"Conhecia todos os esconderijos do piso e voltava a eles como a uma casa na qual se tem a certeza de encontrar tudo sempre do mesmo jeito. Meu coração disparava, eu retinha a respiração. Aqui, ficava encerrado num mundo material que ia se tornando fantasticamente nítido, que se aproximava calado.

Só assim é que deve perceber o que é corda e madeira aquele que vai ser enforcado. A criança que se posta atrás do reposteiro se transforma em algo flutuante e branco, num espectro. A mesa sob a qual se acocora é transformada no ídolo de madeira do templo, cujas colunas são as quatro pernas talhadas. E atrás de uma porta, a criança é a própria porta;"<sup>4</sup>

Foi porta, muro, parede e janela, e três décadas e uma filha depois perceberia que a poesia, na verdade, é bruta. Está nos fatos e machuca. Está na farpa e na harpa, no vinho e no leite ninho, sozinho. Na lata mesmo tem poesia em pó. Dissolvida em água, escorrega para o estômago e fermenta em prosa. Na bancada toda da cozinha, aliás, tem algumas formigas e poesia. Ali mesmo, perto da carne crua e das facas. No sal e na pimenta. Em tudo, tudo mesmo. A poesia é mais onipresente do que Deus. Aliás, se Deus existe, é porque foi escrito por ela. O problema, diagnosticou Nietzsche antes de Proust e Benjamim, é que nos tornamos péssimos poetas.

*"Os verdadeiros paraísos são os que perdemos"*

Proust

Referências literárias, filosóficas e afetivas:

Benjamim, Walter. *Obras escolhidas Vol. II* Rua de mão única. SP: Brasiliense, 2012.

Szondi, Peter. *Esperança no Passado – Sobre Walter Benjamim*. Artefilosofia, Ouro Preto, n. 6, p. 01-240, abr. 2009.

Proust, Marcel. *Em busca do tempo perdido*. No caminho de Swann / À sombra das moças em flor. RJ: Ediouro, 2002.

Merleau-Ponty, Maurice. *O visível e o invisível*. SP: Perspectiva, 2012.

Colégio da Universidade Católica de Petrópolis. CAUCP para os íntimos.

---

<sup>4</sup> Benjamim, Walter. *Obras escolhidas. Volume II*, p. 91. SP: Ed. Brasiliense, 2012.